

TRABALHO E ROTATIVIDADE NA INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE: CONJUNTURA NOS ANOS 2000

WORK AND TURNOVER IN TEXTILE INDUSTRY OF THE NORTHEAST: SITUATION IN 2000 YEARS

Flaviana de Sousa Gomes^{*}
Luís Abel da Silva Filho^{**}

RESUMO

Desde a década de 1990, com o processo de abertura comercial, a economia brasileira passou por profundas transformações estruturais e conjunturais que impactaram fortemente a indústria nacional, sobretudo em setores trabalho/intensivo, dentre os quais o têxtil. Neste artigo, investiga-se a criação e a destruição de postos de trabalho na indústria têxtil no Nordeste, levando em consideração o perfil da força de trabalho e a rotatividade. Os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE) mostram que o Nordeste foi a região que teve menores taxas tanto de criação quanto de destruição de postos de trabalho nesse setor. A referida região é a terceira que mais emprega mão de obra na indústria têxtil nacional, fato que vem crescendo, apoiando-se em políticas de incentivos governamentais e no baixo valor da mão de obra. Evidencia-se que esses postos são ocupados, em sua maioria, pela mão de obra feminina e que as faixas etárias que mais se ocupam na indústria têxtil estão entre 30 a 39 anos. O número de trabalhadores que deixa os postos de trabalho com menos de um ano se encontra no patamar de 32%, podendo essa rotatividade ser justificada pelas condições de trabalho precárias e pelos baixos salários praticados.

Palavras-chave: Mercado de trabalho. Rotatividade. Indústria textile. Nordeste,

ABSTRACT: Since the 1990s, the process of trade liberalization, the Brazilian economy has undergone profound structural and cyclical changes that strongly impacted the domestic industry, especially in sectors / work intensive, of which the textile. In this article, we investigate the creation and destruction of jobs in the textile industry in the Northeast, taking into account the profile of the workforce and turnover. Data from the Annual Report of Social Information (RAIS) and the General Register of the Employed and Unemployed (CAGED) of the Ministry of Labor and Employment (MTE) show that the Northeast was the region that had lower rates of both creation and destruction jobs in this sector. That region is the third that employs more labor in domestic textile industry, a fact that has been growing, relying on government incentives and low value of labor. It is evident that these posts are occupied mostly by the hand of female labor and the age groups that most occupy the textile industry are between 30 to 39 years. The number of workers who leave jobs with less than one year is unchanged at 32%, this turnover can be explained by poor working conditions and the low wages

Keywords: Labor market. Turnover. Textile industry. Northeast.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A indústria têxtil é referência na indústria de transformação nacional desde seus primórdios, uma vez que, após a Primeira Guerra, a capacidade de importação do país reduziu-se acentuadamente e permitiu que a indústria têxtil se fortalecesse para atender à demanda interna. Garcia (1994), ao fazer um breve histórico do setor, destaca sua importância para a indústria antes da década de 1950. Para ele, a produção têxtil cresceu por todo o

* Graduada em Economia e Especialista em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail:

** Professor do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri (URCA). Pesquisador do Observatório das Metrôpoles, núcleo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: abeleconomia@hotmail.com

período da Segunda Guerra Mundial. Em 1941, o Brasil despontava na produção têxtil mundial como o segundo maior produtor no segmento de tecidos. Além disso, tornou-se o grande fornecedor no segmento têxtil para o abastecimento do mercado latino-americano (CAMPOS & CAMPOS, 2013).

Após a abertura comercial, consolidada na década de 1990, fazia-se necessária a adoção de políticas bem mais arrojadas para enfrentar a concorrência e não perder a competitividade internacional. Houve elevação dos investimentos em tecnologia, com fortes impactos sobre a força de trabalho, exigindo qualificação da mão de obra, além da redução de vagas, em virtude, sobretudo, do processo de transição da atividade de trabalho/intensivo para capital/intensivo. Com a abertura comercial, “ampliou-se o coeficiente de importação de produtos, componentes ou insumos com maior conteúdo tecnológico, reforçando a tendência de especialização” (KON e COAN, 2004:16). Esta foi de extrema relevância no setor têxtil, uma vez que o setor havia sido um dos mais afetados com a abertura ao comércio exterior, em face de concorrência dos produtos importados, principalmente de países asiáticos.

Ainda em relação à abertura comercial, Pochmann e Mattoso (1998) ressaltam que, além da instabilidade macroeconômica, nos anos 1990, a entronização da produção estrangeira no país corroborou acentuadamente o desemprego em segmentos significativamente relevantes da economia. Esta situação provocou a substituição de parte elevada da produção brasileira por produtos importados nos seguintes segmentos: têxteis, vestuário, calçados, alimentos industriais e máquinas e equipamentos, entre outros, gerando, dessa forma, sérias consequências para a indústria nacional (MATTOSO & SIQUEIRA NETO, 1997).

A indústria têxtil é responsável pela geração de uma parcela substancial dos postos de trabalho ofertados pela indústria de transformação nordestina (SILVA FILHO, 2010). Partindo desse pressuposto, este artigo tem como objetivo analisar a criação e a destruição de postos e a rotatividade da força de trabalho ocupada na indústria têxtil no Nordeste, levando-se em consideração características socioeconômicas e demográficas. Essa escolha deveu-se ao fato de ser esse setor de grande relevância na geração de emprego no Nordeste e de ter grande representatividade para a economia da região. A presente discussão se refere à análise dos principais fatores que levaram à criação e destruição de vagas de trabalho no setor estudado. Os dados são oriundos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). A tabulação desses dados refere-se aos anos de 2007 e 2011.

Para atingir os objetivos propostos pelo estudo, o artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: depois das considerações iniciais, na segunda seção, apresentam-se algumas considerações teóricas sobre o emprego na indústria têxtil brasileira; em seguida, na terceira seção, tecem-se algumas considerações teóricas sobre o emprego industrial têxtil no Nordeste, abordando as estatísticas recentes; na quarta seção, trata-se das considerações metodológicas; em seguida, na quinta seção, mostram-se alguns resultados relativos à criação e destruição de postos de trabalho no Nordeste, por força do fator rotatividade; e, na sexta seção, são apresentadas algumas considerações finais.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O EMPREGO INDUSTRIAL TÊXTEL BRASILEIRO

No final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, o processo de abertura econômica nacional provocou relevante impacto na indústria brasileira. Diversos setores da economia passaram por mudanças estruturais profundas, motivadas pela necessidade de permanência no mercado competitivo em âmbito global. Isso tornou impositivas mudanças conjunturais, a partir de inovações tecnológicas e da reestruturação produtiva, pautadas na espacialização das atividades econômicas (GONÇALVES *et al.*, 2004).

Em relação ao setor têxtil brasileiro, os efeitos causados pelas mudanças estruturais no processo produtivo global, criaram a necessidade de adaptação e reestruturação do setor, com mudanças tanto no comportamento das empresas quanto em sua participação no mercado (KON e COAN, 2005). Isso se deu por causa da adoção de inovações tecnológicas, em termos de melhorias de equipamentos, bem como da logística empreendida pelo setor para maior aproximação dos mercados consumidores internacionais (GONÇALVES *et al.*, 2004).

A indústria têxtil foi fortemente afetada, mesmo figurando como importante polo de geração de empregos em todas as regiões brasileiras, em maior ou menor escala. Após a abertura comercial vista no Brasil, na década de 1990, as empresas nacionais se viram obrigadas a se reestruturar para recuperar a fatia de mercado que haviam perdido para os produtos importados, bem como a enfrentar a competitividade no mercado internacional. Nesse contexto, registraram-se inovação tecnológica e movimento migratório elevado (Sul/Sudeste para o Nordeste, sobretudo), no setor têxtil nacional (BECASSI e JANNUZZI, 2008).

O fator inovações tecnológicas no parque fabril têxtil, assim como em qualquer outro setor que opte pela inserção de novas tecnologias, trouxe consigo um importante impacto para a força de trabalho, passando a exigir maior nível de qualificação da mão de obra, além da redução da capacidade de absorção, já que a inovação era substitutiva de trabalho por capital (SARAIVA *et al.*, 2005; SANTOS e GARCIA, 2009). A aquisição de novos equipamentos para aperfeiçoar o sistema produtivo gerou demanda por trabalhadores especializados, uma vez que a qualificação da mão de obra é apontada como fator determinante da melhoria na competitividade (PAZELLO e ORELLANO, 2006).

Em relação às empresas têxteis nacionais, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção – ABIT (2011), em se tratando de indústria de transformação, o setor têxtil e de confecções se configuram como um dos que apresentam o maior potencial na geração de empregos. Esse setor é responsável por mais de 08 milhões de empregos diretos e indiretos, pela alavancagem do primeiro emprego, bem como pela inserção de todos os níveis da pirâmide social e educacional. O Sudeste e o Sul são as regiões com maior número de empresas, sobretudo o estado de Santa Catarina (Sul) e o estado de São Paulo (Sudeste), que também respondem pelo maior número de ocupados, graças à sua condição de possuidoras do maior parque produtivo nacional.

Com relação às disparidades regionais é importante ressaltar que o parque industrial têxtil nordestino, embora tenha elevada importância no contexto nacional, sofre maiores consequências desde a introdução das fibras sintéticas no setor, uma vez que o Nordeste dispunha de elevada produção de algodão. Com a abertura comercial, a sobrevivência da indústria têxtil brasileira só poderia ocorrer via modernização da produção (SARAIVA *et al.*, 2005; SANTOS e GARCIA, 2009; SILVA FILHO, 2010). Outrossim, do ponto de vista de sua distribuição espacial entre regiões, ela era muito desigual tecnologicamente, sendo o Nordeste brasileiro menos competitivo do que o Sudeste e o Sul (CLEMENTINO, 2012).

A tabela 01 aborda o número de ocupados na indústria têxtil em todas as regiões do Brasil. Os dados ratificam que a região Sudeste, no contexto atual, é a que concentra o maior número de ocupados, fenômeno que se dá pelo fato de ser ela a detentora do maior parque industrial, seguida pelo Sul. As regiões Centro-Oeste e Norte são as que apresentam o menor número de ocupados no setor. No entanto, foram as que apresentaram a maior taxa de crescimento de postos de trabalho, de 25,3% e 24,3%, respectivamente.

O Nordeste posiciona-se como a terceira região que mais emprega na indústria têxtil, característica essa que passou a crescer, notadamente, a partir dos anos de 1970, com maior intensidade, a partir dos anos de 1990, uma vez que a concorrência internacional demandava reestruturação produtiva do setor, principalmente através dos incentivos fiscais e da descentralização do parque industrial para regiões mais próximas dos grandes mercados

consumidores (MONTEIRO FILHA e CORRÊA, 2000; SARAIVA *et al.*, 2005; SANTOS e GARCIA, 2009; SILVA FILHO, 2010; CLEMENTINO, 2012).

Tabela 01- Brasil: número de ocupados na indústria têxtil segundo a região - 2007/2011

Região Natural	2007		2011		VAR%
	F. absoluta	%	F. absoluta	%	
Norte	6.628	0,7	8.238	0,8	24,3
Nordeste	152.859	16,4	174.549	17,0	14,2
Sudeste	471.634	50,7	500.377	48,8	6,1
Sul	263.804	28,4	298.599	29,1	13,2
Centro-Oeste	34.462	3,7	43.197	4,2	25,3
Total	929.387	100,0	1.024.960	100,0	10,3

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE

No período analisado, observa-se que o Nordeste obteve crescimento de 14,2% no número de ocupados, cabendo ressaltar que, segundo dados da ABIT (2011), o setor têxtil é um dos que mais empregam dentre os demais setores que compõem a indústria da transformação, fato que não ocorre no Sudeste. Assim, no ano de 2007, registrou 50,7% do total nacional de empregados no setor, índice que se reduziu, em 2011, para 48,8%. Já o Nordeste apresentou aumento na participação de ocupados no setor, ou seja, saiu de 16,4% para 17,0%, entre 2007 e 2011. Esse fato pode estar ligado às políticas de atração de novas empresas para o Nordeste através dos incentivos fiscais e maior quantidade de mão de obra disponível.

3. EMPREGO INDUSTRIAL TÊXTEL NO NORDESTE: ESTATÍSTICAS RECENTES

A consolidação do parque industrial no Nordeste se deu, notadamente, a partir da década de 1970, com os incentivos do II Plano Nacional de Desenvolvimento – PND (HERMANN, 2005). O processo de reestruturação produtiva fez com que o setor se expandisse para as regiões menos dinâmicas, apoiado principalmente pelos incentivos fiscais do governo e pela mão de obra abundante, logo de menor custo. Então, a partir dessas medidas a região passou a concentrar esforços no sentido de dinamizar o setor, ampliando e modernizando as empresas têxteis (MONTEIRO FILHA e CORRÊA, 2000).

O setor têxtil pode ser entendido com um dos mais antigos segmentos da indústria de transformação no cenário mundial, e que, por muito tempo, caracterizou-se como setor intensivo em mão de obra. Tal característica veio a ganhar nova dimensão, devido às transformações e diversificações tecnológicas presenciadas com a reestruturação produtiva nacional, fazendo com que passasse a ser intensivo em capital (ANTUNES *et al.*, 2009).

Por ser um setor de tradição no país, é caracterizado também pela heterogeneidade. Ou seja: do ponto de vista estrutural, compõe-se de empresas de grande, médio, pequeno e micro portes. Para conseguir galgar o mesmo nível de competitividade perante a concorrência da produção externa, combinam-se os incentivos governamentais, a mão de obra barata e a aproximação dos mercados consumidores, como analisa Antunes *et al* (2009).

A tabela 02 apresenta o número de ocupados na indústria têxtil, de acordo com o tamanho dos estabelecimentos. A partir dos dados, observa-se que os estabelecimentos de tamanho grande e pequeno são os que apresentam maior número de ocupados, nos dois períodos analisados, apresentando os estabelecimentos de pequeno porte uma taxa de crescimento de 17,4% no número de ocupados. Em termos percentuais, elevou-se de 25,6%, em 2007, para 26,3%, em 2011. Os estabelecimentos de grande porte tiveram taxa de

crescimento de apenas 12,4%. Em termos relativos reduziu-se a participação de 31% no número de ocupados no primeiro período analisado para 30,5% no segundo período.

Tabela 02 - Nordeste: número de ocupados na indústria têxtil segundo o tamanho do estabelecimento - 2007/2011

Tamanho Estabelecimento	2007		2011		VAR%
	F. absoluta	%	F. absoluta	%	
Micro	32.012	20,9	39.606	22,7	23,7
Pequeno	39.102	25,6	45.888	26,3	17,4
Médio	34.345	22,5	35.754	20,5	4,1
Grande	47.400	31,0	53.301	30,5	12,4
Total	152.859	100,0	174.549	100,0	14,2

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE.

Em relação à tabela 02, cabe ressaltar a importância do micro estabelecimento, que apresentou crescimento significativo no período, destacando-se, ainda, como o segmento que experimentou o maior crescimento no número de ocupados, com variação de 23,7%. Já os estabelecimentos médios reduziram sua participação relativa de 22,5% para 20,5%, com taxa de crescimento de 4,1% no período.

A tabela 03 mostra o número de ocupados na indústria têxtil nordestina, segundo o sexo. A maior parcela dos postos de trabalho ofertada no setor é ocupada por mulheres, uma vez que o setor têxtil favorece as aptidões femininas, principalmente no setor de confecções, e exige pouco esforço físico (SILVA FILHO, 2010). No ano de 2007, 54,5% dos postos de trabalho na indústria têxtil eram ocupados pelas mulheres contra 45,5% ocupados pelos homens. Em 2011, essa diferença aumenta em 2,5%, fato que pode estar relacionado também à maior participação feminina na renda familiar, bem como à conquista cada vez maior delas de espaço no mercado de trabalho.

Tabela 03 - Nordeste: número de ocupados na indústria têxtil segundo o sexo - 2007/2011

Sexo Trabalhador	2007		2011		VAR%
	F. absoluta	%	F. absoluta	%	
Masculino	69.525	45,5	75.534	43,3	8,6
Feminino	83.334	54,5	99.015	56,7	18,8
Total	152.859	100,0	174.549	100,0	14,2

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE.

A taxa de crescimento dos homens foi de apenas 8,6%, sobremaneira inferior à feminina, que cresceu 18,8%. De acordo com Silva Filho e Queiroz (2010), “a independência delas ocorre tanto pautada na necessidade quanto no desejo de ocupar mais espaço na sociedade o que está determinando seu papel quanto agente ativo no mercado de trabalho”.

Através dos dados da tabela 04, vê-se o número de trabalhadores formais por faixa etária. Nota-se que as faixas etárias que mais se ocupam na indústria têxtil estão entre 30 a 39 anos, seguidas pelas faixas etárias de 18 a 24 anos e 25 a 29 anos, com 30,5% e 30,8%, 22,9% e 22,4%, 21,7% e 20,7%, respectivamente nos dois anos analisados, ou seja, 2007 e 2011. Todavia, das três faixas etárias com maior participação no número de ocupados, somente a de 30 a 39 anos manteve variação de crescimento de 15,5%, sendo a mais elevada, ficando as demais com taxas de crescimento mais modestas.

Tabela 04 - Nordeste: número de ocupados na indústria têxtil segundo a faixa etária – 2007/2011

Faixa Etária	2007		2011		VAR%
	F. absoluta	%	F. absoluta	%	
Até 17 anos	813	0,5	1.049	0,6	29,0
18 a 24	35.032	22,9	39.155	22,4	11,8
25 a 29	33.095	21,7	36.097	20,7	9,1
30 a 39	46.593	30,5	53.795	30,8	15,5
40 a 49	27.886	18,2	31.467	18,0	12,8
50 a 64	9.206	6,0	12.634	7,2	37,2
65 ou mais	234	0,2	352	0,2	50,4
Total	152.859	100,0	174.549	100,0	14,2

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE.

Os dados também revelam que a força de trabalho juvenil e de idosos alcança uma parcela bastante pequena na participação de ocupados. As duas faixas etárias, até 17 anos e 65 ou mais, representam apenas 0,7% e 0,8%, em 2007 e 2011, respectivamente. Porém, é pertinente destacar que a última apresentou a maior taxa de crescimento (50,4%).

Com relação à variação do número de ocupados, na faixa etária de 50 a 64 anos, registra-se a segunda maior taxa de crescimento, mesmo que, em termos percentuais, se tenham registrado apenas 6,0% e 7,2%, em 2007 e 2011, respectivamente.

Em relação ao tempo de permanência nos postos de trabalho, segundo os dados, o maior número de empregados deixou seus postos de trabalho em menos de um ano, característica constante nos dois anos analisados (34,0%, em 2007 e 30,6%, em 2011). Porém, no último ano houve redução no número de ocupados que permaneciam empregados menos de um ano. Todavia, o fato não deixa de apontar claramente para a baixa participação da força de trabalho com vínculos duradouros no setor têxtil nordestino. De acordo com Corseuil *et al.*,

[...] um mercado de trabalho muito flexível pode tanto sugerir maior eficiência alocativa, quanto gerar grande insegurança para os trabalhadores, pela redução do tempo de permanência em um emprego. Além disso, um alto grau de rotatividade pode estar associado a um menor acúmulo de capital humano específico por parte dos trabalhadores. (CORSEUIL *et al.*, 2002, p.2)

A baixa permanência no emprego caracteriza a precarização do setor e pode estar ligada à capacidade de adaptação da força de trabalho à atividade produtiva, bem como pode ser interpretada como redução da oportunidade da força de trabalho de construir carreira promissora, remetendo-se à elevada taxa de rotatividade (PAZELLO e ORELLANO, 2006).

Tabela 5 - Nordeste: número de emprego formal na indústria têxtil segundo o tempo de permanência – 2007/2011

Faixa Tempo Emprego	2007		2011		VAR%
	F. absoluta	%	F. absoluta	%	
Menos de 1 ano	52.011	34,0	53.354	30,6	2,6
Mais de 1 e menos de 2 anos	31.882	20,9	35.898	20,6	12,6
Mais de 2 a menos de 5 anos	37.317	24,4	47.974	27,5	28,6
Mais de 5 e menos de 10	22.583	14,8	24.344	13,9	7,8
10 ou mais anos	9.052	5,9	12.971	7,4	43,3
{ñ classificado}	14	0,0	8	0,0	-42,9
Total	152.859	100,0	174.549	100,0	14,2

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE.

Outro fator que merece destaque é que, em 2007 e 2011, respectivamente, 20,9% e 20,5% dos empregados deixaram seus postos entre 1 e 2 anos de ocupação. Com isso, tem-se que a rotatividade no setor têxtil nordestino é sobremaneira elevada, já que mais de 50% dos ocupados, tanto no primeiro quanto segundo período, deixaram seus postos de trabalho em menos de 2 anos.

O número de ocupados, segundo a escolaridade, é o fator de análise da tabela 06. Os dados são enfáticos, ou seja, quanto menor a escolaridade menor a participação relativa de ocupados no setor. Logo, as taxas de variação decrescem nos níveis de analfabetos, do 5º (incompleto ou completo) ao 9º ano do ensino fundamental e até o ensino fundamental completo. Esses dados podem estar vinculados à necessidade de mão de obra capacitada, onde escolaridade é de suma importância.

Tabela 6 - Nordeste: número de ocupados na indústria têxtil segundo a escolaridade - 2007/2011

Escolaridade	2007		2011		VAR%
	F. absoluta	%	F. absoluta	%	
Analfabeto	829	0,5	629	0,4	-24,1
Até 5ª Incompleto	4.743	3,1	3.862	2,2	-18,6
5ª Completo Fundamental	6.382	4,2	4.902	2,8	-23,2
6ª a 9ª Fundamental	23.246	15,2	19.133	11,0	-17,7
Fundamental completo	33.190	21,7	28.836	16,5	-13,1
Médio incompleto	22.293	14,6	24.466	14,0	9,7
Médio completo	57.991	37,9	87.214	50,0	50,4
Superior incompleto	1.828	1,2	2.374	1,4	29,9
Superior completo	2.357	1,5	3.133	1,8	32,9
Total	152.859	100,0	174.549	100,0	14,2

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE.

Os dados passam a apresentar crescimento na participação de ocupados para os grupos que estão completando o ensino médio ou os que já o concluíram, sendo que o último grupo apresenta a maior participação relativa de 37,9%, em 2007 e 50%, 2011. Logo, no último ano citado, metade dos ocupados no setor havia concluído o ensino médio. Os grupos que apresentavam ensino superior incompleto e completo também cresceram de um período para o outro, porém representam uma parcela muito pequena dos empregados no setor.

O fator remuneração está em destaque na tabela 07. Um fato que chama bastante atenção é que a indústria têxtil tem mais de 80% dos seus postos de trabalho ocupados por empregados que ganham entre 1,0 e 2,0 salários mínimos. Em 2007, 81,4% dos postos de trabalho eram ocupados por empregados na faixa de remuneração supracitada. Já em 2011, esse percentual representou 80,9%, o que evidencia a característica de precarização do setor pelos baixos salários praticados.

Somando-se as duas primeiras faixas, tem-se que mais de 90% dos ocupados no primeiro e segundo períodos auferiam rendimentos de até 2,0 salários mínimos. Os postos de trabalho ocupados por empregados nas faixas de mais de 2,0 salários a 4,0 salários; mais de 4,0 a 7,0 salários; mais de 7,0 a 15 salários, representavam apenas 9,6% dos postos ocupados, em 2007. Em 2011, esse percentual cai para apenas 7,8%, demonstrando decréscimo no número de postos de trabalho com remuneração superior a 2 salários mínimos. Os postos de

trabalho ocupados por empregados com remuneração inferior a 1 salário mínimo apresentou crescimento de 2% no período estudado, com variação positiva de 41,9%.

Tabela 7 - Nordeste: número de ocupados na indústria têxtil segundo a faixa de remuneração - 2007/2011

Faixa Remuneração Média (SM)	2007		2011		VAR%
	F. absoluta	%	F. absoluta	%	
Até 1 SM	12.421	8,1	17.627	10,1	41,9
Mais de 1 a 2 SM	124.457	81,4	141.208	80,9	13,5
Mais de 2 a 4 SM	10.666	7,0	10.131	5,8	-5,0
Mais de 4 a 7 SM	2.523	1,7	2.394	1,4	-5,1
Mais de 7 a 15 SM	1.078	0,7	902	0,5	-16,3
Acima de 15 SM	293	0,2	221	0,1	-24,6
{ ñ classificado }	1.421	0,9	2.066	1,2	45,4
Total	152.859	100,0	174.549	100,0	14,2

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/tem.

4. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A criação e destruição de postos de trabalho no Brasil motivou uma série de investigações acerca de suas causas e consequências para a classe trabalhadora (CACCIAMALI, 1992; CARVALHO e FEIJÓ, 1993; BALTAR e PRONI, 1995; PAZELLO *et al.*, 2000; CORSEUIL *et al.*, 2002a; 2002b; ORELLANO e PAZELLO, 2006; SILVA FILHO, 2012). Se, por um lado, o fenômeno é tratado como fator preponderante no ajuste da demanda de mercado, por outro, o impasse é extremamente danoso à construção de uma carreira sólida e à garantia de desempenho de atividades com êxito e aprendizado no ambiente de trabalho.

O elevado movimento de entrada e saída da força de trabalho no setor têxtil se constitui em ruptura do processo de aprendizado instituído no trabalho e comprime o desempenho profissional. Adicionalmente, elevam-se os custos com contratos e demissões, valendo como precedentes para formas ilegais de contratos.

Na perspectiva de desoneração das possibilidades de aprendizado, a permuta ou o desligamento da força de trabalho tornam-se um problema de dimensão elevada. A grande parte vulnerável da força de trabalho (que representa a maioria no Brasil) é instrumento de controle do desempenho do capital e ajuste de mercado no processo de ascensão e recessão econômica, sem se assistir a nenhum tipo de esforço na manutenção da mão de obra com vínculo de trabalho (PAZELLO e ORELLANO, 2006).

Alguns setores da atividade econômica, sobretudo os que proliferam nas ações trabalho/intensivo, como é o caso do setor têxtil, ainda se reproduzem com maior incidência, e poucos estarão livres da rotatividade acentuada.

Diante do exposto, é objetivo deste artigo analisar o mercado de trabalho e a rotatividade no setor têxtil nordestino. Adota-se aqui o método de composição da rotatividade utilizado por diversos autores (CORSEUIL *et al.*, 2002a; 2002b; ORELLANO e PAZELLO, 2005; SILVA FILHO, 2012), em vários segmentos; contudo, não utilizado em estudos sobre a indústria têxtil nordestina.

Para a análise do perfil dos postos de trabalho e da rotatividade, levando-se em conta características demográficas e socioeconômicas da força de trabalho ocupada e desligada no

segmento, nos recortes temporais aqui estabelecidos (2007 e 2011), anos imediatamente anteriores à crise econômica mundial e ao último ano com dados disponíveis.

A construção da rotatividade da força de trabalho na indústria têxtil, segundo características intrínsecas condicionantes, pode ser descrita assim:

$$R_{it} = \left[\frac{\sum (A_{it} + D_{it})}{(L_{cit} + L_{fit}) / 2} \right] \quad (1)$$

R_{it} = rotatividade no mercado de trabalho na indústria têxtil no Nordeste;

A_{it} = número de trabalhadores admitidos na indústria têxtil no Nordeste;

D_{it} = número de trabalhadores desligados da indústria têxtil no período de tempo determinado;

L_{cit} = total da força de trabalho na indústria têxtil no início do período de tempo t ;

L_{fit} = total da força de trabalho na indústria têxtil no final do período t_{t-1} .

Para o cálculo da taxa de criação de postos de trabalho no setor i no período de tempo t, t_{t-1} , faz-se necessário observar o seguinte:

$$TC = \left[\frac{\sum_{i=1}^n (L_{ait} - L_{dit})}{\bar{L}_{it}} \right], \text{ para o setor da indústria têxtil, tal que: } [L_{ait} > L_{dit}] \quad (2)$$

A taxa de destruição de postos de trabalho pode-se apresentar da forma que se segue:

$$TD = \left[\sum_{i=1}^n \left| \frac{L_{dit} - L_{ait}}{\bar{L}_{it}} \right| \right] = \sum_{i=1}^n \left[\frac{L_{ait} - L_{dit}}{\bar{L}_{it}} \right], \text{ para o mercado de trabalho na indústria têxtil, em que: } [L_{ait} < L_{dit}] \quad (3)$$

$[(L_{ait} - L_{dit}) = (A_{it} - D_{it})]$ corresponde, respectivamente, ao número de admitidos (entrada) menos o número de demitidos (saída) da mão de obra no setor da indústria têxtil no período de tempo t, t_{t-1} no país ou região i . Dessa forma, a taxa de criação/destruição líquida de postos de trabalho também pode ser inferida da forma seguinte:

$$TCL = \left[\sum_{i=1}^n \left(\frac{L_{ait} - L_{dit}}{\bar{L}_{it}} \right) \right] = TC - TD \quad (4)$$

A partir do método acima exposto, a taxa de criação/destruição líquida de postos de trabalho na indústria têxtil no Brasil pode ser empiricamente representada. Para tanto, faz-se necessária a construção das taxas de criação, destruição de postos de trabalho. Assim tem-se como inferir a rotatividade no mercado do setor i para uma determinada região no período de

tempo t, t_{-1} . Nesse estudo, considera-se que a rotatividade é constituída pelo movimento de entrada e de saída da mão de obra no setor têxtil ($A_{it} + D_{it}$), respectivamente.

5. CRIAÇÃO E DESTRUIÇÃO DE POSTOS DE TRABALHO NA INDÚSTRIA TÊXTEL NO NORDESTE

Mercados de trabalho pouco flexíveis, com pouca realocação, podem apresentar a ideia de dificuldades de alocação ao longo do ciclo econômico, com possíveis perdas de eficiência e dinâmica econômica. Por outro lado, uma grande realocação de postos de trabalho pode gerar grande insegurança para os trabalhadores, em função da inconstância existente nos postos de trabalho e o aumento dos fluxos de trabalhadores (PAZELLO e ORELLANO, 2006). Esses fluxos entre empregos podem gerar altos custos de ajustamento na economia, com efeitos também negativos sobre ela, e mais ainda para o trabalhador. Tal fato não apresenta diferenças no setor têxtil, visto que mantém as mesmas características de inconstância dos demais setores da economia brasileira.

Para Pazello e Orellano,

[...] de acordo com a teoria econômica, a rotatividade da mão de obra de uma firma deve ser afetada por indicadores macroeconômicos que sinalizam o grau de aquecimento da economia e por características específicas individuais de cada firma, como por exemplo, a quantidade de treinamento específico que seus trabalhadores recebem — além do impacto imediato sobre a rotatividade que pode ser causado por uma mudança na tecnologia de produção, se essa mudança implicar substituição de empregados. (PAZELLO e ORELLANO, 2006: 179)

A criação e destruição de postos de trabalho, ou seja, a rotatividade de mão de obra é fruto da desarticulação do modelo de desenvolvimento industrial atual, que impactou, até ao rompimento, o padrão de estruturação do mercado de trabalho, ocasionando a informalidade do trabalho, precarização ou perda da qualidade dos postos de trabalho, estagnação das remunerações salariais, piora da distribuição funcional e pessoal e aumento dos níveis de desocupação e desemprego (CARDOSO JR., 2001).

Os determinantes da rotatividade estão associados a flutuações da atividade econômica, ou seja, recessões e expansões e consequente necessidade de ajustes no nível de emprego por parte das empresas e ainda no movimento de emprego entre as diferentes categorias econômicas. Nesta subseção, procura-se identificar os principais aspectos relacionados à rotatividade na indústria têxtil do Nordeste, analisando os anos de 2007 e 2011, período anterior e posterior à crise financeira de 2008.

Na tabela 08, os dados mostram que as maiores taxas de criação de postos de trabalho no setor têxtil, em 2007, foram apresentadas pelo Centro-Oeste (0,59) e pelo Sul (0,55), mas foi nessas duas regiões que se registraram as duas maiores taxas de destruição de postos de trabalho, sendo de 0,54 para o Centro-Oeste e de 0,49 para o Sul. Adicionalmente, as mesmas regiões são as responsáveis pelas maiores taxas de rotatividade (1,13 e 1,04), respectivamente. O Sudeste e o Norte também tiveram taxa de rotatividade considerável (0,82). O Nordeste foi a região que teve menores taxas tanto de criação quanto de destruição de postos de trabalho, o que consequentemente exibiu menor taxa de rotatividade (0,62). Porém, foi nela que se registrou a maior taxa de criação líquida de postos de trabalho têxtil entre as macrorregiões brasileiras (0,08), no ano de 2007.

O segundo período analisado segue a mesma dinâmica de criação de postos de trabalho, com a liderança das mesmas regiões citadas para 2007. A taxa destruição, no entanto, foi bem maior em 2011, fator que impulsionou o aumento da rotatividade em todas as regiões do país. O Nordeste, que, em 2007, havia apresentado maior taxa de criação líquida de postos de trabalho (0,08), sofreu queda de -0,04. Em 2011, o Centro-Oeste foi a única região

com saldo na criação de postos de trabalho (0,02), porém, menor que em 2007 (0,04). A crise que afetou a economia mundial, a partir de 2008, pode ter contribuído para maior destruição de postos de trabalho no segundo período analisado.

Tabela 8 Brasil: criação, destruição, rotatividade e saldo de vagas segundo a região na indústria têxtil-2007/2011.

Região Natural	2007				2011			
	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotatividade	Taxa de Criação Líquida	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotatividade	Taxa de Criação Líquida
Norte	0,43	0,39	0,82	0,05	0,45	0,47	0,92	-0,01
Nordeste	0,35	0,27	0,62	0,08	0,35	0,39	0,73	-0,04
Sudeste	0,42	0,39	0,82	0,03	0,48	0,50	0,98	-0,02
Sul	0,55	0,49	1,04	0,06	0,57	0,58	1,15	-0,02
C.-Oeste	0,59	0,54	1,13	0,04	0,69	0,66	1,35	0,02
Total	0,45	0,41	0,86	0,05	0,49	0,51	1,00	-0,02

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS-CAGED/MTE.

Em relação à criação, destruição, rotatividade e saldo de vagas, segundo o tamanho do estabelecimento industrial no Nordeste, a tabela 09 aponta a microempresa como o estabelecimento com maior taxa de criação de postos de trabalho (0,54) em 2007 e (0,47) em 2011. Em contrapartida, também respondeu pelas maiores taxas de destruição de vagas e, conseqüentemente, pela maior rotatividade (0,91 e 0,88, respectivamente). Contudo, a maior taxa de criação líquida de postos de trabalho também pertence ao microestabelecimento (0,17); em 2007 e em 2011, uma taxa bem menor (0,06), mas o único que manteve taxa de criação positiva.

Tabela 9 - Nordeste: criação, destruição, rotatividade e saldo de vagas segundo o tamanho do estabelecimento industrial - 2007/2011.

Tamanho do estabelecimento	2007				2011			
	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotatividade	Taxa de Criação Líquida	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotatividade	Taxa de Criação Líquida
Micro	0,54	0,37	0,91	0,17	0,47	0,41	0,88	0,06
Pequeno	0,32	0,33	0,65	-0,01	0,35	0,39	0,74	-0,04
Médio	0,26	0,27	0,53	-0,01	0,37	0,41	0,78	-0,04
Grande	0,32	0,16	0,48	0,16	0,23	0,35	0,58	-0,12
Total	0,35	0,27	0,62	0,08	0,35	0,39	0,74	-0,04

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS-CAGED/MTE.

No ano de 2007, o grande estabelecimento teve sua taxa de criação de postos de trabalho igual à dos pequenos estabelecimentos e, no ano de 2011, o grande estabelecimento foi o que menos criou novos postos. Porém, mesmo com uma taxa de criação de postos menor do que os demais estabelecimentos (0,23), o grande estabelecimento, em função de sua diversificação, atuação mais abrangente, foi quem apresentou menor taxa de rotatividade (0,48) no primeiro período e (0,59) no segundo.

Em relação às características demográficas como condicionantes das taxas de criação e destruição de postos de trabalho, bem como da rotatividade, os dados da tabela 10 apresentam equilíbrio entre homens e mulheres. Em 2007, a criação de postos de trabalho foi praticamente igual para ambos os sexos, assim como a taxa de rotatividade e a de criação líquida.

Tabela 10 - Nordeste: criação, destruição, rotatividade e saldo de vagas segundo o sexo do trabalhador da indústria têxtil-2007/2011.

Sexo	2007				2011			
	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotatividade	Taxa de Criação Líquida	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotatividade	Taxa de Criação Líquida
Masculino								
o	0,36	0,28	0,64	0,08	0,37	0,42	0,79	-0,05
Feminino	0,35	0,26	0,61	0,09	0,33	0,36	0,69	-0,03
Total	0,35	0,27	0,62	0,08	0,35	0,39	0,73	-0,04

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS-CAGED/MTE.

No ano de 2011, os dados denunciam aumento na taxa de criação de postos de trabalho para o sexo masculino e redução para o feminino. Não obstante, as taxas de crescimento de postos de trabalho para o sexo masculino foram bem inferiores à taxa de destruição, o que aumentou a rotatividade, bem como saldos negativos de criação líquida de postos de trabalho. As mulheres também foram afetadas pela destruição de postos de trabalho na indústria têxtil, o que lhes conferiu taxa de criação líquida negativa.

Em relação à faixa etária, a tabela 11 indica quais faixas apresentam maior dinamismo na indústria têxtil. O que se observa é que as vagas são criadas em ordem decrescente, ou seja, quanto maior a idade do empregado menor a taxa de criação de postos de trabalho, destruição, taxa de rotatividade e menor saldo de vagas. No ano de 2007, observa-se, ainda, que a taxa de criação líquida de postos de trabalho se torna negativa para os ocupados com idade acima de 50 anos.

Tabela 11 - Nordeste: criação, destruição, rotatividade e saldo de vagas segundo a idade do trabalhador na indústria têxtil - 2007/2011

Faixa Etária	2007				2011			
	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotatividade	Taxa de Criação Líquida	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotatividade	Taxa de Criação Líquida
Até 17	1,30	0,57	1,87	0,73	1,33	0,50	1,83	0,84
18 a 24	0,60	0,35	0,95	0,26	0,61	0,54	1,15	0,06
25 a 29	0,35	0,29	0,65	0,06	0,36	0,44	0,80	-0,08
30 a 39	0,28	0,25	0,53	0,03	0,27	0,34	0,62	-0,07
40 a 49	0,21	0,20	0,41	0,01	0,19	0,26	0,44	-0,07
50 a 64	0,14	0,18	0,32	-0,04	0,14	0,23	0,37	-0,09
65 ou +	0,08	0,24	0,32	-0,15	0,10	0,24	0,34	-0,14
Total	0,35	0,27	0,62	0,08	0,35	0,39	0,73	-0,04

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS-CAGED/MTE.

No segundo ano (2011), as taxas de criação e destruição de postos acentuam-se para a força de trabalho juvenil e jovem. Os dados pesquisados apontam para rotatividade de 1,83, para a faixa etária de até 17 anos, e de 1,15, para faixa etária de 18 a 24 anos, sendo estas também as únicas faixas que apresentaram taxas de criação líquida de postos de trabalho de 0,84 e 0,06, respectivamente. As demais faixas apresentaram taxa de rotatividade mais elevada do que no ano de 2007, conseqüentemente, taxas negativas de criação líquida de postos de trabalho. Cabe ainda destacar a exclusão da força de trabalho com idade superior a 50 anos, pois elas apresentaram maior taxa de criação líquida negativa de postos de trabalho (-

0,09 e -0,14, para 50 a 64 e 65 ou mais, respectivamente). Assistiu-se, porém, à queima de postos de trabalho para aqueles com idade acima de 25 anos, em 2011.

Como característica socioeconômica, a criação, destruição, rotatividade e taxa de criação líquida por nível de escolaridade foi analisada. Os dados da tabela 12 deixam claro que quanto menor o nível de instrução, menores as possibilidades de criação de postos de trabalho, e os trabalhadores com menor escolaridade experimentam as maiores taxas de destruição de postos de trabalho. Ressalte-se que, em 2007, a maior taxa de criação de postos de trabalho é experimentada para a força de trabalho com ensino superior incompleto (0,43). Porém, esse mesmo grupo também experimenta a maior taxa de rotatividade (0,78).

Os dados também deixam claro que para os trabalhadores com escolaridade até à 5ª incompleto não houve saldos positivos de criação de postos de trabalho, experimentando -0,04, -0,01 e -0,05, para analfabeto até 5ª incompleta e 5ª completa fundamental, respectivamente. Ainda, em 2007, o grupo com grau de instrução médio completo apresentou maior taxa de criação líquida de postos de trabalho (0,14).

Tabela 12 - Nordeste: criação, destruição, rotatividade e saldo de vagas segundo a escolaridade do trabalhador industrial - 2007/2011

Grau Instrução	2007				2011			
	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotat.	Taxa de Criação Líquida	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotat.	Taxa de Criação Líquida
Analfabeto	0,29	0,33	0,62	-0,04	0,35	0,37	0,72	-0,03
Até 5ª Inc.	0,22	0,23	0,45	-0,01	0,28	0,32	0,60	-0,03
5ª Com. Fund.	0,22	0,27	0,49	-0,05	0,24	0,30	0,54	-0,06
6ª a 9ª do Fund.	0,30	0,27	0,57	0,03	0,24	0,35	0,59	-0,11
Fund. omp.	0,31	0,27	0,59	0,04	0,32	0,37	0,69	-0,05
Médio Inc.	0,39	0,28	0,67	0,10	0,34	0,41	0,75	-0,07
Médio Com.	0,41	0,26	0,67	0,14	0,38	0,40	0,78	-0,02
Sup. Inc.	0,43	0,35	0,78	0,09	0,43	0,44	0,87	-0,01
Sup.Com.	0,35	0,26	0,61	0,09	0,38	0,37	0,75	0,02
Total	0,35	0,27	0,62	0,08	0,35	0,39	0,73	-0,04

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS-CAGED/MTE.

Em 2011, os grupos com grau de instrução de 5ª comp. fundamental e 6ª a 9ª fundamental apresentam menor taxa de criação de postos de trabalho, ambos com taxa de (0,24). As taxas de destruição de postos crescem no ano de 2011 para todos os graus de instrução. As taxas de rotatividade também aumentaram em todos os níveis de escolaridade analisados, apresentando variações maiores nos postos ocupados por trabalhadores analfabetos, com grau de instrução até 5ª incompleto, fundamental completo, médio completo e superior completo.

Cabe destacar que, com exceção dos postos ocupados por trabalhadores com ensino superior completo, os demais apresentaram taxa de criação líquida negativa. Isso mostra, grosso modo, que em tempos de recessão a escolaridade elevada é essencial para o indivíduo manter-se ocupado.

A tabela 13 abordou a criação, destruição, rotatividade e saldo de vagas segundo faixa de remuneração dos postos de trabalho. A maior taxa de criação de postos (1,51) foi experimentada pela força de trabalho com remuneração de até um salário mínimo, em 2007, sendo que esse grupo também experimentou a maior taxa de rotatividade (2,29), seguida pela faixa salarial que abrange entre mais de um salário até dois salários (0,50). Em relação às faixas salariais superiores a dois salários, a criação de postos de trabalho tornou-se menor à

medida que estes subiam. Essas mesmas faixas salariais apresentaram taxas negativas de criação líquida, resultado do movimento de destruição superior ao de criação de postos de trabalho.

Tabela 13 - Nordeste: criação, destruição, rotatividade e saldo de vagas segundo a faixa de remuneração do trabalhador na indústria têxtil - 2007/2011

Faixa Sal Mensal	2007				2011			
	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotat.	Taxa de Criação Líquida	Taxa de Criação	Taxa de Destruição	Taxa de Rotat.	Taxa de Criação Líquida
Até 1 SM	1,51	0,78	2,29	0,72	1,46	1,11	2,57	0,35
Mais de 1 a 2 SM	0,27	0,23	0,50	0,03	0,23	0,32	0,55	-0,09
Mais de 2 a 4 SM	0,13	0,17	0,30	-0,04	0,16	0,21	0,37	-0,05
Mais de 4 a 7 SM	0,11	0,15	0,26	-0,04	0,13	0,20	0,33	-0,07
Mais de 7 a 15 SM	0,12	0,18	0,29	-0,06	0,11	0,21	0,32	-0,10
Mais de 15 SM	0,10	0,17	0,27	-0,06	0,09	0,21	0,30	-0,13
{ñ classificado}	0,14	0,14	0,28	0,00	0,09	0,13	0,22	-0,04
Total	0,35	0,27	0,62	0,08	0,35	0,39	0,73	-0,04

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS-CAGED/MTE.

No ano de 2011, as taxas de criação de postos de trabalho foram menores do que no primeiro período (2007), assim como a taxa de destruição. A taxa de rotatividade mais elevada (1,11) foi experimentada pela força de trabalho que recebia até um salário. Essa força de trabalho foi à única que obteve taxa de criação líquida de postos de trabalho positiva (0,35). As outras seis faixas salariais computadas apresentaram taxas de criação líquida negativas. Isso mostra que o setor têxtil nordestino é significativamente vulnerável a choques exógenos e, nesse período, a criação de postos de trabalho ocorre apenas em faixa de remuneração muito baixa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a criação, destruição e rotatividade de postos de trabalho na indústria têxtil nordestina nos anos de 2007 e 2011, utilizando dados da RAIS/CAGED do MTE. Esses indicadores mostram que o Nordeste figura como a terceira região que mais emprega mão de obra na indústria têxtil. No período analisado, observa-se o crescimento significativo no número de novos postos de trabalho na região, com mais 21.690 novos postos, já que a região era responsável por 152.859 ocupados no setor em 2007, número que cresceu para 174.549, em 2011.

Os dados também apontaram para a micro e a pequena empresa como as que tiveram crescimento mais significativo no número de ocupados no setor, considerando o segundo período analisado em detrimento do primeiro. Ressalte-se, ainda, que a maioria desses postos são ocupados por pessoas do sexo feminino, numa média de 55,6%.

Ainda no que diz respeito ao perfil do emprego formal, os resultados apontam para faixa etária entre 30 a 39 anos como a que apresenta o maior número de ocupados. Porém, mais de 50% dos empregados no setor deixam seus postos trabalho com menos de um ano, o que nos reporta a uma possível precarização do trabalho no setor. Isso mostra que no Nordeste como no Brasil a rotatividade é extremamente alta, provavelmente acima de um limite desejável para a economia nacional, fato que pode repercutir negativamente na produtividade dos trabalhadores.

Os dados remetem para o fato de que a mão de obra feminina ocupa o maior número de postos no setor. Porém, a taxa de criação de novos postos de trabalho é mais elevada para os homens. Fato observado tanto no ano de 2007, quanto no ano de 2011. Isso resulta numa taxa de rotatividade mais elevada para os homens. É importante ressaltar que, no ano de 2011, a destruição de postos de trabalho afeta ambos os sexos, com taxa de criação líquida negativa de postos de trabalho.

Em relação à faixa etária, a rotatividade é maior entre as faixas de menores idades. As faixas etárias de até 17 anos e de 18 a 24 foram as únicas que apresentaram taxa de criação líquida, tanto em 2007 quanto em 2011. As demais faixas assistiram à queima de postos de trabalho, principalmente em 2011.

Outros dados que preocupam e caracterizam a precarização do trabalho no setor é a seletividade, segundo a escolaridade, pois o maior número de postos são ocupados por funcionários que apresentam nível médio completo; porém a faixa de remuneração predominante está entre um e dois salários mínimos, condição que fica bastante clara se comparados os dois períodos analisados, o que nos leva a concluir que as empresas contratam trabalhadores mais qualificados para realizarem as mesmas funções ou atividades correlatas, e pagam salários mais baixos.

REFERENCIAS

ABIT. Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção. **Panorama do Setor Têxtil e de Confecções**. Brasília. Junho, 2011. Disponível em < http://abit.org.br/abitonline/2011/06_07/apresentacao.pdf >. Acesso em Maio, 2013.

ANTUNES, A.; BRAGA JR, E.; PIO, M.. O processo de Transferência de Tecnologia na Indústria Têxtil. **Journal of Technology Management & Innovation**. V. 4. P. 125-133, março de 2009.

BALTAR, P. E., PRONI, M. W. **Flexibilidade do trabalho, emprego e estrutura salarial no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 1995.

BECASSI, A. A.; JANNUZZI, C. A. S. C.. Estratégia de Gestão e Inovação Tecnológica na Indústria Paulista do Setor Têxtil. **Anais do XIII Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas** - 21 e 22 de outubro de 2008. ISSN 1982-0178.

CACCIAMALI, M. C. **Mudanças estruturais e na regulação do mercado de trabalho no Brasil nos anos 80**. IPE/USP, Texto para Discussão Interna n. 6, maio 1992.

CARVALHO, P. G. M., FEIJÓ, C. A. do V. C. Rotatividade do pessoal ocupado na indústria: sua evolução nos anos recentes — 1985-1993. **Anais da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho**, 1993.

CAMPOS, M. J. C.; CAMPOS, L. H. R.. Competitividade do Setor Têxtil Brasileiro: uma abordagem a nível Estadual. X Encontro Regional de Economia do Nordeste. **Anais...**, Fortaleza, 2005.

CARDOSO JR. J. C.. Crise e desregulação do trabalho no Brasil. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 13(2): 31-59, novembro de 2001.

CLEMENTINO, M. do L. M.. A Evolução da Indústria Têxtil no Contexto da Afirmação do Imperialismo Americano. **Anais do XII Colóquio Internacional de Geocrítica**. Bogotá. Maio, 2012.

CORSEUIL, C. H.; RIBEIRO, E. P.; SANTOS, D. D. e DIAS, R.. **Criação, destruição e realocação do emprego no Brasil**. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa econômica Aplicada – IPEA. Texto para discussão nº 855. 2002a.

CORSEUIL, C. H.; RIBEIRO, E. P.; SANTOS, D. D. e DIAS, R... Job and worker flows in Brazil. In: MENEZES-FILHO, N. A. (coord.). **Labor market dynamics in Brazil**. Final Report, 2nd draft, Part I, Inter-American Development Bank Research Network, 11th round, Fipe-USP, Sep. 2002b.

GARCIA, O. L.. **Avaliação da Competitividade da Indústria Têxtil Brasileira**. Campinas: Tese de Doutorado - Unicamp, 1994.

GONÇALVES, H. S; MELO, M. O. B. C; DUARTE, S. T. V. G. Análise do Impacto das Inovações Tecnológicas no Setor de Fiação da Cadeia Produtiva Têxtil de Campina Grande-PB. **Anais do XI SIMPEP** - Bauru, SP, Brasil, Novembro, 2004.

HERMANN, J.. Auge e declínio do modelo de crescimento com endividamento: O II PND e a Crise de Dívida Externa, (1974 – 1984) in Fábio Giambiagi - **Economia brasileira contemporânea** – Rio de Janeiro: Elsevier 2005

KON, A.; COAN, D. C.. Transformações da indústria têxtil brasileira: a transição para a modernização. **Revista Economia Mackenzie**. Ano, 3. Nº 3. P. 11-34, 2005.

MATTOSO, J. E. L.; POCHMANN, M.. Mudanças estruturais e trabalho no Brasil. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas. V. 10. P. 213-243. Junho, 1998.

MATTOSO, J. E. L.; SIQUEIRA NETO, J. F.. **O trabalho em regime de subcontratação no Brasil**. Texto para discussão, Nº 25. CESIT/UNICAMP, 1997.

MONTEIRO FILHA, D. C.; CORRÊA, Abidack. **O complexo têxtil**. Disponível em: <<http://bndes.gov.br/siteBNDES/export/sites/default/.../setorial11.pdf>>. Acesso em Junho de 2013.

ORELLANO, V. I. F.; PAZELLO, E. T.. Evolução e determinantes da rotatividade da mão de obra nas firmas da indústria paulista na década de 1990. **Revista Pesquisa e Planejamento Econômico**, v.36, n.1, abr 2006.

PAZELLO, E., BIVAR, W., GONZAGA, G. Criação e destruição de postos de trabalho por tamanho de empresa na indústria brasileira. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, ago. 2000.

REGISTROS ADMINISTRATIVOS: RAIS E CAGED. – MTE. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/caged/default.asp>> Acesso março de 2013.

RIBEIRO, E. P.. **Rotatividade de Trabalhadores e Criação e Destruição de Postos de Trabalho: aspectos conceituais**. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa econômica Aplicada – IPEA. Texto para discussão nº 820. ISSN 1415-4765. 2001.

SANTOS, V. G.; GARCIA, O. L. **Evolução do emprego formal na indústria nos anos 90: avaliação do nordeste e do RN**. Disponível em: <[mail:falnatal.com.br:8080/revista_nova/a6_v1/artigo_5.pdf](mailto:falnatal.com.br:8080/revista_nova/a6_v1/artigo_5.pdf)> acesso em novembro de 2009, 14 p.

SARAIVA, L. A. S.; PIMENTA, S. M.; CORRÊA, M. L. Globalização e reestruturação produtiva: desafios à indústria têxtil brasileira. **Revista de Administração**. São Paulo, V. 40, n, 1, p. 68 a 82, jan/fev/mar, 2005.

SILVA FILHO, L. A; QUEIROZ, S. N. Indústria têxtil: avaliação empírica do emprego formal em Santa Catarina vis-à-vis o Ceará – 1998/2008. In: **Anais do IV Encontro de Economia Catarinense**: Criciúma, abril de 2010. 19 p.

SILVA FILHO, L. A. Reestruturação produtiva e desestruturação no mercado de trabalho: análise empírica da indústria têxtil da grande Natal. In: XVII Encontro Anual da Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP. **Anais...** Caxambu – MG, setembro de 2010.

Recebido em setembro de 2012

Aceito em fevereiro de 2013